

BRASÍLIA, DOMINGO, 27 DE MAIO DE 2007

Editor: Raul Pilati // raul.pilati@correioweb.com.br  
Subeditores: Maísa Moura, Rozane Oliveira e Sandro Silveira  
tel. 3214-1148  
e-mail: economia@correioweb.com.br

Economia - Brasil

## DESENVOLVIMENTO

Dados preliminares apontam que a economia deve crescer a um ritmo forte neste ano, confirmando a expectativa do governo. Aumento da renda e a oferta de crédito são responsáveis pelo bom desempenho

PIB de  
5%  
à vista

Kleber Lima/CB - 17/1/07



BRASILEIROS CONSUMIRAM 5,5% MAIS NO PRIMEIRO TRIMESTRE DESTE ANO E VÃO GARANTIR A EXPANSÃO DA ECONOMIA NACIONAL

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

**S**em fazer alarde, a equipe econômica do governo já está preparando o discurso para tirar proveito de um dado acalentado há meses: o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) do primeiro trimestre deste ano. Ainda que os números não estejam fechados — a divulgação, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), está marcada para o dia 13 de junho —, levantamentos preliminares que já estão sobre a mesa do ministro da Fazenda, Guido Mantega, indicam que o crescimento da economia nos primeiros três meses do ano foi próximo de 1,5% ante os três últimos meses de 2006. Quando anualizada, essa taxa aponta que a atividade econômica avança a uma velocidade entre 5% e 6%. "O Brasil real vai muito bem", resume o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, ao ser questionado sobre crescimento.

O que garante um ritmo tão forte à economia, diz Meirelles, são o aumento da renda e a fatura do crédito, fundamentais para sustentar o consumo das famílias. Responsável por 60% do cálculo do PIB, quando se olha apenas para o lado da demanda, o consumo médio dos lares brasileiros cresceu 5,5% no primeiro trimestre do ano, pelas contas de Flávio Serrano, economista-chefe da Corretora Lopes Leon. Foi o 14º trimestre consecutivo de expansão nos gastos das famílias — o mais longo ciclo de crescimento desse indicador.

A massa salarial, resultado do número de empregos e dos rendimentos mensais dos trabalhadores, fechou março com expansão de 8,4%, um número que, segundo o presidente do BC, é difícil de se ver mesmo nas economias asiáticas, onde o PIB cresce a taxas entre 7% e 10% ao ano, mas os salários têm incremento menor. Para completar, os brasileiros demanda-

ram R\$ 13,3 bilhões em crédito entre janeiro e março deste ano, volume 18% superior ao registrado em igual período de 2006 (R\$ 11,3 bilhões).

Com base nesses indicadores, Sandra Utsumi, economista-chefe do Banco BES Investimento, afirma: "O crescimento da economia está sendo mais forte do que o esperado". Não é à toa, acrescenta a econo-

66  
PELO MENOS NOS  
ÚLTIMOS 20 ANOS,  
NUNCA VI A  
CONSTRUÇÃO  
CIVIL DEMANDAR  
TANTO AÇO

99  
Jorge Gerdau Johannpeter,  
presidente do Conselho de  
Administração do Grupo  
Gerdau

### Indústria forte

O aquecimento da economia não é constatado apenas nas planilhas do governo e dos analistas do mercado financeiro. Gente de peso do setor produtivo reconhece que o crescimento é forte e consistente. "Pelo menos nos últimos 20 anos, nunca vi a construção civil demandar tanto aço", afirma Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do Conselho de Administração do Grupo Gerdau, um dos principais for-

nos crescerão neste ano pelo menos 12% em relação a 2006. Será a primeira vez, em sete anos, que registraremos expansão de dois dígitos nesse setor", afirma. Os aços planos são consumidos, principalmente, pela indústria automobilística, cujas receitas bombaram 30% nos primeiros quatro meses do ano.

O desempenho da indústria está tão robusto, ressalta Zeina Latif, que a estimativa para a produção de abril é de um número melhor do que o verificado entre janeiro e março deste ano, quando a chamada média móvel trimestral ficou em 0,6%. "Pelos nossos cálculos, com o resultado de abril — a ser divulgado nos próximos dias pelo IBGE —, a média móvel saltará para 0,9%. Isso dará outra cara ao setor", diz. O melhor de tudo, destaca o presidente do BC, é que os investimentos produtivos estão em alta. A Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF), como gostam de falar os economistas, está se expandindo a ta-

xas superiores ao PIB. Algo entre 6% e 8%, prevêem os analistas.

Os dados sobre investimentos são extremamente importantes porque dão um alívio ao BC na condução da política monetária, destaca Sandra Utsumi. Quanto mais as empresas ampliarem o parque produtivo, maior será a oferta de mercadorias. Ou seja, há a garantia de que o país não enfrentará risco de desabastecimento, como se viu no passado, que sempre pressionava a inflação e minava o processo de crescimento. "O BC ainda tem a seu favor as importações, que têm suprido o consumo e ajudado a manter os preços sob controle", diz a economista. Por isso, acredita Sandra, o BC não terá problemas para acelerar o corte da taxa básica de juros na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para os dias 5 e 6 de junho. "Aposto em um corte de 0,5 ponto percentual, com a Selic caindo dos atuais 12,50% para 12% ao ano", frisa.